



UnB | Departamento de Design

Um Olobóculo

A história de um selo de publicação independente

Rafael Lemos Nogueira

Projeto de Graduação

Orientador: Rogério Câmara

Brasília, novembro de 2017

Prólogo

Ou um sanduíche de papel

Zines¹ são nada mais que sanduíches de papel. São uma série de elementos ordenados em camadas, projetados para o deleite do consumidor. Num sanduíche se aprecia o sabor, a textura e a relação de cada elemento. Pelo simples ato de posicioná-los juntos, surge um produto muito mais interessante do que os mesmos ingredientes separados. O sanduíche não é uma série de elementos, mas o conjunto deles. E nessa soma até uma folha de alface faz a diferença. Sanduíches podem ser caros, mas esses nem sempre são os melhores. Por fim, o que torna um sanduíche interessante não é sua durabilidade, mas a experiência que gera. Essa é provavelmente a característica mais relevante para esse projeto

1 – Zines: Segundo o dicionário de Cambridge, “são pequenas revistas produzidas a baixo custo por uma pessoa ou um grupo de pessoas que se interessam por um assunto em comum” (em tradução livre). Acredito que essa expressão possa ter ganhado novos significados. Alguns artistas produzem objetos que pouco parecem revistas, mas mesmo assim são reconhecidas como zines. Elas também não precisam tratar de um assunto específico. Acredito que desses aspectos o que tem maior relevância para esse trabalho é o baixo custo.

Sumário

- 1. A Introdução** *p.6*

- 2. A História de um *Olobóculo*** *p.10*
 - 2.1 Primeira Aparição
 - 2.2 O Nome

- 3. A Teoria Ator Rede** *p.18*
 - 3.1 Mettering e o *Olobóculo*
 - 3.2 Uma Rede Sem Camadas

- 4. O Conceito da Marca** *p.29*
 - 4.1 O Objeto *Olobóculo*
 - 4.2 *Olobóculo* em Prática

- 5. A Exposição Disposta** *p.34*
 - 5.1 Os Vídeos
 - 5.2 Jogo do Bichinho
 - 5.3 Sem Título
 - 5.4 Asfaltopia
 - 5.5 Cicatrizes
 - 5.6 A Cega
 - 5.7 Caixa da Fortuna
 - 5.8 A Zero
 - 5.9 Poesias óbvias em Códigi Morse
 - 5.10 Pelo Entanto
 - 5.11 Dupla Salmão
 - 5.12 A Performance

- 6. A Conclusão** *p.66*

- 7. Referências Bibliográficas** *p.68*

1. A Introdução

Esse projeto acontece em torno de um selo de publicações independentes de Brasília chamado *Olobóculo*. Grupo esse formado por mim, Cecília Furlan, Lorraine Maciel, Renata Rinalde e Jade Luz Ciconello.

Os produtos finais deste TCC são: o manual de identidade visual do selo, uma série de publicações e a documentação de uma exposição realizada por nós.

Acredito que o projeto possa ser de interesse para o meio acadêmico por estender um pouco a discussão sobre o meio impresso e digital, por estimular a experimentação e por integrar design gráfico à performance (áreas não comumente relacionadas).

De maneira mais abrangente, procura-se analisar a relação que as pessoas têm com os objetos, no caso, nossas publicações. Essa pesquisa não segue exatamente os moldes da academia e até mesmo confronta o texto acadêmico padrão (especialmente ao estabelecido aqui no Brasil). Isso se dá por dois motivos principais.

O primeiro é que, fazendo parte de um grupo que explora escrita, leitura e linguagem, é natural o questionamento de formas engessadas da escrita. Eu entendo que em certos contextos a linguagem acadêmica padrão faça sentido e possa ser necessária, mas não creio que seja esse o caso. Neste texto usarei uma linguagem acessível e particular. Meu objetivo principal é que ele seja convidativo.

O segundo ponto que vai de encontro com os moldes da academia é quanto a sua validação. Neste trabalho não foi levantada nenhuma análise quantitativa e as referências utilizadas não servem para validar o trabalho, e sim para gerar insights e construir uma análise pessoal. De certa forma, pode-se dizer

que meu projeto se assemelha a um estudo de etnometodologia mais do que uma análise explicativa. Ou seja, utilizo nesse trabalho a capacidade que todos temos de entender a relação que estabelecemos com os fenômenos à nossa volta, mesmo sem um estudo formal.

2. A História de um *Olobóculo*

ou a insanidade por trás da lógica

2.1 Primeira Aparição

Minha relação com a escrita criativa começou por volta dos 16 anos de idade. Nessa época escrever era um processo necessariamente solitário, não poderia ser diferente. Comecei a escrever para tirar as ideias da cabeça. Eu pensava demais sobre basicamente tudo. Cada aspecto fundamental da existência era relacionado num sistema lógico. Havia em mim uma crença muito forte de que esse sistema poderia ser descrito de maneira simples, mas foi essa minha falha. As proposições ficavam cada vez mais complexas e aos poucos as noites não dormidas se acumulavam no meu cotidiano. E foi numa dessas noites que pela primeira vez eu tive o impulso de pegar uma caneta e tentar descrever esse tal sistema.

Começaram a surgir palavras soltas, parágrafos, esboços de teorias e diagramas. As folhas foram ficando cada vez maiores e se tornou um hábito ter ao lado da cama um papel A3 com uma caneta. Depois disso a escrita invadiu a minha vida por completo. Se tornou muito comum ter uma grande revelação na aula, no banho ou andando na rua e logo ficar ansioso para anotar tudo. Mas a lógica era delicada demais. Qualquer certeza que eu tinha, ao ser destrinchada no papel, acabava acertando um princípio estabelecido por ela mesma. Tudo morria. As anotações sempre começavam com letras precisas e garrafais. Mas eram as anotações pequenas e discretas que desbancavam a afirmação principal, demonstrando um paradigma. Por outro lado, as estratégias e metáforas que eu usava no processo não deixavam de existir e eu logo as usava de outra forma para tentar uma

nova conclusão. Assim, fui criando meu próprio acervo de imagens, desenhos e metáforas.

Por incrível que pareça, esse processo de constante queda nunca foi doloroso. Pelo contrário, a sensação de ter uma verdade no peito e sentir essa energia reverberar era incrível. A minha percepção sobre todo esse movimento era de que eu estava fazendo um trabalho e por mais abstrato que fosse era real. A sensação era de que eu estava me relacionando cada vez mais com uma força muito maior que a humanidade e as ideias. Era quase como se eu estivesse acessando o nível mais atômico da existência, natural a qualquer elemento, fosse eu, um animal, uma pedra, e até mesmo um conceito.

Esse processo ganhou outra aparência quando comecei a esbarrar nas ideias de diversos filósofos. Fiquei surpreso ao ver que minhas questões já haviam sido colocadas por grandes nomes. E mais interessante ainda foi ver que eu concordava plenamente com teorias completamente opostas. Foi então que entendi a verdadeira graça desse jogo.

Percebi que o limite que eu tanto batia não era simplesmente minha incapacidade de compreensão ou um erro de análise, era o limite de toda e qualquer linguagem. Afinal, quando dizemos que algo “é e não é ao mesmo tempo” não estamos dizendo que esse algo está errado ou que não existe, nem que às vezes ele é e às vezes não é. O que estamos dizendo é que não possuímos formas dentro da linguagem capazes de explicar de maneira simples, direta e unilateral o que queremos dizer. A linguagem não foi feita para ser espremida até que saia dela uma certeza tangível e universal.

Resolvi então deixar esse trabalho para os matemáticos, linguístas e filósofos. A partir daí comecei a fazer literatura.

Ou seja, criar e não mais descrever e deduzir. Descobri que as linguagens são os brinquedos mais interessantes de todos. Ela pode ser esticada e contraída das mais diversas formas para os mais diversos propósitos. Ela é radiante e transcende qualquer categorização.

Depois desse insight olhei para as anotações e percebi que aquela construção era muito mais interessante do que buscar uma verdade plena. Por isso, é na diversidade das formas que trabalho hoje em dia.

Decidi então escrever meu primeiro texto. Seu nome era *Fardo Pardo*, um conjunto de três zines que contava uma fábula ilustrada. O processo de criação foi basicamente pegar todas as minhas reflexões e transformá-las num sistema de metáforas dentro de uma história simples e apreciável. A história conta sobre a vida de uma sociedade de ursos pardos. Cada capítulo é a revelação de um líder sobre as forças que coordenam o pensamento de sua comunidade.

A experiência de escrever esse texto foi incrível. Uma frase levava a outra e o ambiente da história se construía na minha frente. Foi aí que eu adquiri amor pela forma da escrita e a escolha das palavras. Percebi que muito mais importante do que dizer algo específico é entender a força de cada termo e o contexto de cada frase.

A partir daí não estava mais sozinho na escrita. Estava trabalhando em algo palpável o qual as pessoas poderiam opinar e interpretar das mais diversas formas. No fim das contas, o que eu queria dizer pouco importava perto das divagações que aquilo gerava.

Cinco anos se passaram e durante esse tempo experimentei vários tipos de textos. Produzi contos, poesias

de péssima qualidade, prosas e ensaios. Não publiquei nenhum deles. Por outro lado criei uma publicação que possuía apenas duas palavras.

Comprei 100 caixinhas de fósforo e coleí um adesivo dos dois lados. Um que dizia “apenas” e outro, “fósforos”. A dinâmica era a seguinte: as pessoas compravam essas caixinhas por 1 real e colocavam alguma coisa dentro e devolviam para mim. Elas eram embaralhadas e sorteadas. Ou seja, cada participante ganhava a caixinha de outro. Os resultados foram surpreendentes: miniaturas de todos os tipos, drogas, remédios de gripe, livros ilustrados, pinturas, sementes, cartas, bonecos de lego, fotos 3x4, balão de festa, balinhas e muitas outras coisas. Tudo nas dimensões de uma caixa de fósforo. Foi com essa experiência que comecei a entender as diferentes formas de interação que uma publicação poderia ter.

Mais um tempo se passou e comecei a fazer performance. Achei aquilo muito interessante e a partir daí só pensava em performance. Não existia desenho ou escrita que me preenchesse daquela forma. Comecei a procurar meios de trazê-la para escrita. Dessa busca surgiu *Pelo Entanto*. Um livreto escrito em apenas um dia seguindo um só fluxo de pensamento. Assim que acabei o texto senti que havia me deparado com algo diferente de tudo o que eu havia produzido e senti muita vontade de publicá-lo.

O contexto dessa época era bem diferente daquele em que produzi meu primeiro conto. O movimento da publicação independente em Brasília acabava de dar um grande passo. Graças, principalmente, aos organizadores da *Feira Dente*, Brasília entrou no circuito de feiras do Brasil (formado por Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte). Com as feiras alguns

artistas puderam ganhar prêmios e visibilidade nacional, mas para mim o mais importante foi o fortalecimento desse cenário na própria cidade. A troca de publicações se tornou muito mais intensa e estimulou a criação de vários grupos.

Talvez influenciado por essa movimentação nasceu em mim a vontade de fazer um grupo de publicação que juntasse escrita, performance, fotografia, instalação comida e qualquer outra coisa que pudesse ser misturada.

Numa festa no dia 3 de setembro de 2015, conheci Lorraine Maciel. Essa foi a primeira aparição de *Olobóculo*. Lorraine também gostava muito de performance e explorava diversos aspectos da escrita.

Eu e Lorraine participamos de algumas feiras vendendo *Pelo Entanto*, *Laura* e algumas outras publicações como *Dinheirinho* e *Tretaterecotécós*. Com dois meses de *Olobóculo* entraram Cecília Furlan e Renata Rinalde e recentemente Jade Luz Ciconello. A somatória dos integrantes gerou um grupo bem diverso. Eu, estudante de design, Lorraine, estudante de letras tradução francês, Furlan, cientista política formada e designer atuante, Rinaldi, artista formada e ilustradora e Jade Ciconello, estudante de artes plásticas.

2.2 O Nome

O nome do selo foi uma grande questão no começo. Muito antes de me conhecer, Lorraine já havia cunhado o nome *Olobóculo*. Eu particularmente não gostava. Hoje em dia agradeço imensamente por ela ter insistido no nome. Graças a ele mudei minha percepção sobre o selo e até mesmo do que é design para mim.

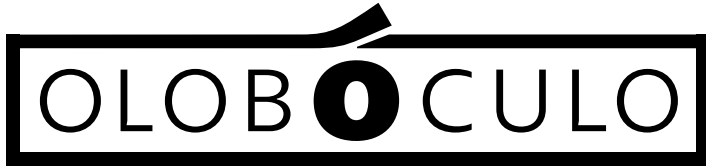
Minha implicação com o nome era quanto a praticidade. Ele era difícil de falar e de lembrar. Para mim, do ponto de vista do design, não fazia sentido usar um nome que o público tivesse dificuldade de absorver.

Designers de maneira geral querem fazer produtos compreensíveis, mas no caso de *Olobóculo*, não precisa ser fácil. Nosso produto não é convencional. Na verdade é até interessante que seja difícil. É quase como um trava língua. A sonoridade dá voltas e enche a boca. A leitura por si só é uma experiência até quando se erra. É uma palavra que em sua primeira leitura temos que ler em etapas. E no final das contas, depois que nos acostumamos, se torna natural.

Além disso, é uma palavra visualmente simétrica, começando com OL e terminando em LO. Possui 3 O's, sendo um deles o centro da palavra, marcado por acento agudo. Essas características somadas ao conceito da marca foram os insumos para a construção do logotipo.

O conceito da marca é expansivo e está em constante crescimento. Ele abraça cada nova interpretação e dessa forma tende ao infinito. Portanto o conceito inicial não é um limitante ou margem de segurança para futuras interpretações, mas o primeiro degrau da eterna transformação.

Basicamente, *Olobóculo* é um instrumento ótico que quebra a expectativa ou a normalidade. No logotipo esse objeto é representado pela letra O central e seu acento corta uma caixa que delimita a palavra, ou seja, *Olobóculo* abre a interpretação comum, quebra a linearidade, o ciclo, o looping, a funcionalidade do significado.



*Imagem da marca para melhor
compreensão da simetria*

3. A Teoria Ator-Rede

ou um pouco de TAR no sanduíche

Antes de apresentar o conceito da marca, acredito que é importante falar sobre a Teoria Ator-Rede, tendo em vista que ela foi importante no processo de construção dessa identidade.

Começarei esse capítulo explicando um termo utilizado pela TAR e muito utilizado no trabalho do nosso grupo.

3.1 *Mettering* e o *Olobóculo*

Acredito que traduzir termos para nossa língua é sempre uma boa opção, mas com o verbo *mettering* isso pode não ser a melhor opção.

Mettering, do inglês, é um termo cunhado em 2001 por James Hay em seu livro *Locating Television*. *Mettering* é a junção do substantivo *matter* (matéria) com o verbo *to matter* (dar importância). O verbo foi utilizada para descrever a capacidade das mídias de materializar ideias (torná-las presente) e simbolicamente dar sentido a elas.

Esse termo foi apropriado por Bruno Latour na Teoria Ator-rede e naturalmente na produção de *Olobóculo*. Dentro da TAR, *mettering* é utilizada para descrever a capacidade dos objetos de registrar simbolicamente costumes e transmitir significado. Seja uma cadeira, um celular e até mesmo uma folha em branco, objetos nos ajudam a construir nossa percepção de mundo e identidade, dando senso de pertencimento e aliança. Com eles definimos as características que nos representam e aquilo no que não nos reconhecemos (Latour, 1999). Segundo a teoria, os objetos assim como os

humanos e os animais não-humanos, são atores em uma rede simbólica e é através de mettering que eles interagem.

Com *Olobóculo* não poderia ser diferente. Em nossas criações procuramos deslocar as relações que temos com os objetos, dando valor e tornando visível o que normalmente não é percebido. Queremos não apenas apresentar uma ideia, mas que nossos objetos sejam percebidos enquanto atores capazes de alterar o mundo a sua volta.

Gosto sempre de usar o exemplo da sala de estar. Imagine uma sala em que você nunca esteve antes. Você está esperando pelo dono da casa, por isso não tem nenhuma informação sobre os objetos da sala. É uma casa bem decorada. Vasos ornados e esculturas estão dispostos em estantes e em uma mesa de centro. O sofá, as cadeiras, os tapetes e cada item nessa sala foi feito para a apreciação. Foram todos produzidos com extremo cuidado. No entanto, por mais incríveis que sejam, no contexto da sala acabam por ter a mesma visibilidade. Afinal, todos são igualmente belos. Você repara em um específico. Percebe que ele tem uma beleza particular e lembra alguma coisa que você já viu. Mas logo em seguida vê outro que gera outras associações. Nesse momento o primeiro vaso ficou esquecido. Por mais associações que crie, nenhum deles é verdadeiramente especial. Provavelmente ao sair da sala não lembraria de nenhum deles, mas de repente esbarra em um que estava atrás de você. Ele cai no chão e estilhaça por completo. Esse sim será lembrado. O número de associações impulsionadas pela adrenalina de alguém que fez algo muito errado, é incomparável com qualquer outra. Você incontrolavelmente se questiona de onde ele veio ou se é um presente de alguém especial. Você

implora para que seja apenas um souvenir de viagem sem muito valor. Você percebe o quão delicado são os detalhes. Você talvez até fale sozinho:

– O que eu vou falar? Como justificar o que eu fiz? Por que eu fiz isso, meu Deus! Eu sempre faço isso, que nem aquela outra vez.

Esse é o objetivo do selo *Olobóculo*. É deslocar os objetos do nível de apreciação comum e colocá-los num espaço em que eles revele suas relações.

Uma história curiosa. A segunda publicação que fiz dentro do *Olobóculo* foi uma série de 30 ilustrações chamada *Tetra Terecotecos*. Eram desenhos de seres quadrúpedes feitos a partir de um grid quadrado. A graça da produção era que só existia um de cada e o comprador não podia ver qual estava escolhendo, gerando assim um senso de predestinação entre o objeto e a pessoa. Como todas as nossas publicações, essa tinha um preço bem acessível, no caso, 1 real. Quando concebi os *Trecos* eu achava que sua proposta e o preço acessível seriam o suficientes para justificar a compra, mas eu estava errado. Muitas pessoas até se mostravam interessadas no projeto, mas não o suficiente para adquirir um (mesmo que custasse 1 real). Achei muito curioso a quantidade considerável de pessoas que me perguntaram o que fariam com o objeto depois de compra-lo. Eu sinceramente respondia “nada” ou “o que você quiser”. Depois de algum tempo Lorraine chegou a feira e assumiu a banca enquanto eu saí para comer. Quando voltei ela já tinha vendido alguns *Trecos*. Foi aí que ela me apresentou uma outra forma de vender aquele objeto. Quando chegava um cliente ela o abordava falando:

– Você conhece as *Lhamas do Poder*?

O cliente logo se mostrava interessado e ela explicava:

– Elas são viajantes que saem da parte mais profunda do seu ser, trazendo com elas aquilo que nem o seu inconsciente sabe.

Eles logo perguntavam como funcionava e só então ela explicava o esquema de sorteio. E quando vinha a tal pergunta “o que fazer com aquilo” ela falava sem exitar:

– Você coloca no espelho e olha pra ele todo dia.

Lorraine me fez perceber muitas coisas nesse acontecimento. Primeiro me mostrou uma possibilidade de narrativa que existia naquele objeto. Segundo, que o momento da compra é uma oportunidade de performance. A compra deve ser uma experiência real assim como é o texto. Até então eu achava que se podia vender publicações da mesma forma que se vende qualquer outro objeto: apresentando o que há de interessante nele e seu custo. Simplesmente não é assim que funciona. As publicações independentes, especialmente as mais textuais, não são objetos que o consumidor consegue facilmente contabilizar benefício e prejuízo. Para que o espectador perceba o objeto como algo único e especial, é necessário que ele faça parte de um contexto envolvente. No caso, Lorraine precisou de muito pouco para gerar esse contexto. Ela não fez nada além de contar uma história.

Nesse acontecimento, Lorraine também me fez perceber a possibilidade de usar performance para valorizar objetos que não tem quase nenhum valor material.



Imagem dos 30 Terecotecos

3.2 Uma rede sem camadas

Outra história interessante. Há alguns anos atrás eu estava arrumando o meu quarto (evento que acontece uma vez por década aproximadamente). Esse é sempre um momento de reflexão. Afinal, acabo revirando coisas do passado, lembrando de histórias e definindo o espaço que os objetos têm ou não têm na minha vida. Arrumar o quarto é sempre assim e acredito que seja para qualquer pessoa. Mas dessa vez foi diferente. Eu tive uma reflexão que eu nunca tinha tido antes. Primeiro pensei: “Se eu tenho poder sobre os objetos e eles não têm vida própria porque meu quarto fica desarrumado? Porque escolhi isso?”. Foi aí que percebi que os objetos talvez não fossem tão inativos assim. Logo em seguida, com o quarto um pouco mais arrumado tive outra reflexão: “A posição desses objetos são um reflexo da minha personalidade, mas será que por se manterem no mesmo lugar eles também não moldam minha personalidade?”. Por sorte no mesmo dia em que eu tive esse insight eu conversei com um antropólogo e ao explicar minha percepção ele logo completou: “O nome disso é Teoria Ator-Rede” (aparentemente não há nada de novo para um antropólogo).

Para explicar a TAR precisaríamos de muito mais papel. Por isso, vamos focar aqui nos aspectos da teoria que se relacionam diretamente com esse trabalho.

A começar pelo nome. Apesar de se chamar teoria, a TAR é essencialmente um método de análise. Seu objetivo principal não é determinar se uma coisa é verdade ou mentira, mas determinar se a análise utilizada é de qualidade ou não. A TAR nasceu nos anos 80 e muitos a consideram a interpretação material da semiótica. Segundo um de seus criadores

e principal disseminador, Bruno Latour, a TAR surgiu para trazer às ciências naturais e tecnológicas a perspectiva da criação de significado (comumente associada a semiótica).

Dentro de uma pesquisa, a TAR tem o objetivo de garantir que todos os elementos em questão sejam devidamente contemplados e que a análise quantitativa não suplante nenhum elemento crucial. Segundo Latour, a TAR não foi feita para descrever a forma nem as ações de uma entidade, mas definir qual seria o gravador necessário para captar todos os seus detalhes.

Na prática a TAR é uma forma de visualizar a relação entre objetos, seres humanos e animais não humanos sob uma perspectiva de rede. Vale dizer que, diferente de seu significado mais comum, a palavra rede originalmente se refere a um grupo de elementos conectados de maneira caótica. Ou seja, não é como uma rede metroviária ou qualquer outro sistema desse tipo. As redes são basicamente elementos conectados que se aproximam e distanciam livremente e nunca de maneira estratégica ou eficiente.

Segundo Bruno Latour, em *On Actor-Network Theory: A Few Clarifications*, “ordem e universalidade são exceções” dentro da Teoria Ator-Rede. Ele também afirma que “a sociedade contemporânea não pode ser corretamente descrita se não for reconhecida nela a presença de um tipo de fibra, fio, linha, corda ou ducto que nunca poderia ser capturada por noções como níveis, camadas, territórios, esferas, categorias, estruturas e sistemas” (Latour, 1996).

Dentro do *Olobóculo* estamos sempre procurando meios para atender todos e qualquer aspecto de nossa produção. Analisamos cada elemento de uma publicação com a mesma

intensidade. Acreditamos que a decisão de colocar um ou dois grampos na encadernação altera por completo a rede de relações desse objeto.

Talvez o grande aprendizado da TAR seja não se prender a nenhum costume, por mais conveniente que seja. No meio de publicações independentes temos uma série de interações comuns. Por exemplo: o vendedor fica atrás da mesa e as publicações em cima dela; um possível comprador se aproxima, abre uma publicação e faz algumas perguntas; o vendedor responde. Por mais banal que seja esse momento, ele possui infinitas possibilidades de quebra do senso comum. Podemos imaginar: o vendedor ao invés de ficar atrás fica na frente da mesa e finge ser um comprador; a publicação pode estar em cima da cadeira; o possível comprador pode ser convidado a deitar na mesa enquanto o vendedor faz algumas perguntas. Talvez esse proposta não seja das mais interessantes, mas é definitivamente mais memorável e intrigante que a normalidade já esperada.

Em *On Recleaming ANT* (1999) Latour faz outra afirmação que também se relaciona com nosso trabalho. Segundo ele “a teoria procura explicar os efeitos que as palavras tradicionais tentam descrever sem que seja necessário carregar a ontologia, topologia e política que elas trazem” (em tradução livre). No nosso caso, procuramos descrever os fenômenos que nos circundam evitando os meios já definidos. Até porque em nosso trabalho queremos que o espectador procure os significados na relação pessoal dele com o objeto e não em através de pré-requisitos externos.

4. O Conceito da Marca

ou a explosão de cada segundo

4.1 O Objeto *Olobóculo*

Olobóculo é um objeto óptico como caleidoscópio, óculos, binóculos ou luneta. Mas diferente desses objetos, *Olobóculo* não simplesmente amplia a imagem. Ele altera de fato observado e observador.

Olobóculo é um objeto que ninguém pode ter, mas que todos presenciam. Mesmo sem perceber, toda vez que alguém passa a enxergar algo em uma nova forma, essa pessoa utilizou *Olobóculo*.

Olobóculo é descartável. Ele surge e só existe no momento em que é utilizado e quando aparece novamente já é outro. Ele acontece no momento da transição, da inspiração, do estouro. E assim que o observador se conforma com a nova perspectiva ele some.

Olobóculo é exclusivamente composto de movimento, portanto não é material, mas é real assim como um raio. Apesar de parecer, ele não é uma metáfora nem um enigma. Ele é uma eterna variável um fato indefinível.

Olobóculo é o que leva antes e depois à colisão. Sem ele podemos sofrer grandes transformações, mas o processo e suas divagações não são percebidas.

Quando sabemos de sua existência, *Olobóculo* pode ser utilizado de maneira intencional por qualquer um. Para isso não é necessário discorrer sobre, não é necessário reflexão ou conhecimento prévio. No simples ato de deslocar uma palavra do seu contexto original e colocá-la num local arbitrário, *Olobóculo* já está em uso, basta estar atento.

Olobóculo é utilizável, mas não serve a nenhum propósito. Um binóculo, mesmo sendo utilizado de forma inusitada,

ainda será um binóculo, pois terá nele o registro de sua função, já que isso é o que o define como tal. *Olobóculo* não é limitado por nenhuma propósito. Ele não é mensurável e seus efeitos são imprevisíveis.

Olobóculo não foi feito por ninguém. Ele é um acontecimento ou fenômeno, algo que não se pode dimensionar. Ele não tem direção e não faz sentido. Ele apenas ocorre e a nós resta anotar o que sucede sua aparição.

Olobóculo acontece e atinge todos os níveis da compreensão. Ele já é o mais evidente que se pode ser e quanto mais o estudarmos, melhor percebemos nossa incapacidade de interpretá-lo.

Quando *Olobóculo* ocorre acontece uma colisão entre o que está definido com todo o resto que pode ser. Inúmeras partículas correm para todos os lados. Vistas de perto essas partículas são bolhas, chamadas *bolholobóculos*. Elas são o indício mais básico de organização em meio ao caos completo da existência.

Bolholobóculos não são seres vivos, mas contém o princípio da vida. Sua fina separação entre meio externo e interno cria a estabilidade mínima necessária para permitir estruturas complexas em um meio movediço de conceitos, símbolos e ideias.

Bolholobóculos nunca aparecem sozinhas. Quando *Olobóculo* acontece, elas surgem aos montes em direções desordenadas. Elas são extremamente sensíveis. A maioria deles simplesmente desaparece.

Quando são capturadas, *bolholoboculos* normalmente se cristalizam e aquilo que era antes uma forma livre e flutuante se torna uma estrutura rígida que cresce linearmente.

Esse processo ocorre das mais diversas formas em nos-

sas vidas. As vezes, acreditamos em uma verdade de repente algo muda e os fatos fixam uma nova verdade. Isso acontece principalmente em grandes quebras de paradigmas ou em pequenos enganos.

Nosso objetivo é aproveitar ao máximo esse fenômeno de transformação. Intencionalmente observamos *Olobóculo* em cada pequeno acontecimento e capturamos seus *bolho-lobóculos* com cuidado. Para isso não usamos fatos e certezas. Nossos instrumentos são minuciosos e inteligentes. Capturam sem apertar e prendem sem limitar. São redes, tramas, prosas e poesias. Estruturas capazes de segurar até a menor e mais delicada bolha.

4.2 *Olobóculo* em Prática

Sendo o mais pragmático possível, o que produzimos dentro do *Olobóculo* é um hobby e nossa maior pretensão como tal é que não traga prejuízo. Por isso é necessário que não apenas os custos se cubram, mas que os gastos iniciais sejam baixos. Além disso, é de extrema importância para nós que nossas publicações sejam o mais acessíveis que elas possam ser.

Essa decisão acabou trazendo uma série de características para nossa linguagem. Uma delas, por exemplo, é o uso de impressão PB. A impressão colorida encarece consideravelmente a produção, sendo assim cores não são necessárias. Além do que, é extremamente difícil encontrar impressão colorida de boa qualidade a baixo custo.

Não acreditamos que o uso exclusivo de impressão PB seja um problema. Assim como na maioria dos casos, a limitação

fornece caminhos inusitados. Existem milhares de outras formas de trazer cor para nosso trabalho como por exemplo utilizando iluminação, papel pigmentado e até mesmo colorização manual.

O baixo custo de nossa produção também reverberou nas discussões que temos quanto a dualidade impress e digital. No meio digital nada é físico e mesmo assim nos relacionamos intensamente com o conteúdo transmitido nele. Logo, não é necessariamente um papel mais grosso e de alta qualidade que trará valor ao trabalho. Se a proposta for interessante ela terá valor independente da forma que assume. Além disso, se as pessoas estão cada vez mais acostumadas com a acessibilidade da internet, porque não produzir impressos acessíveis também?

Por fim, essa questão do baixo custo e valorização ganhou tanta importância nas reuniões do grupo que acabou gerando um meta discurso em nossa produção. Discretamente queremos vender objetos que seriam facilmente considerado lixo. Queremos que as pessoas se relacionem com objetos que poderiam ser panfletos ou embalagens descartáveis para que se demonstre o valor em potencial que todo objeto carrega.

Outro ponto também muito conversado entre o grupo é sobre as situações em que *Olobóculo* vai aparecer. Por enquanto, experimentamos um pouco a presença no Facebook, participamos de algumas feiras e realizamos uma exposição. Futuramente esperamos realizar outras exposições e subverter cada vez mais o espaço comum de galeria. Temos planos de performance e instalações urbanas e estamos pensando em maneiras de realizar perfor-

mances digitais. Ainda estamos cogitando participar de festas e outras formas de evento. Ironicamente, entre todas essas possibilidades, as feiras de publicações parecem cada vez menos atraentes para nós.

5. A Exposição Disposta

Eu e Lorraine no começo do Olobóculo participamos de diversas feiras de publicação independente. Foram momentos importantes. Conhecemos algumas pessoas e criamos novas relações com nossas próprias histórias, mas com o tempo percebemos alguns problema. Numa feira a oferta é gigantesca. São várias bancas com as mais diversas produções. É natural que o transeunte ignore grande parte das publicações e procure parâmetros para medir custo e benefício. Além disso, é quase uma falta de educação folhear uma publicação e não compra-la.

Foi pensando nesses fatores que resolvemos fazer nossa primeira exposição. A ideia desse evento foi trazer o público para uma imersão em nosso trabalho num espaço em que ele se sinta confortável para interagir livremente sem o peso explícito da compra.

A organização foi simples. Agendamos através do Departamento o espaço da galeria UnB e um projetor. Levamos para o espaço algumas mesas e cadeiras de metal dobrável (daquelas brancas de bar), três puf's pretos (sendo um grande e dois pequenos), um tapete colorido e, claramente, um galão de água para o filtro e material de higiene para o banheiro. A exposição ocorreu de 19:00 às 22:00 do sábado 4 de novembro. O tema da exposição era o mais abrangente possível: como que a simples disposição de objetos já é capaz de gerar significado.

Logo na entrada os visitantes recebiam uma folha com o release da exposição e uma cédula da publicação *Jogo do Bichinho*.

Ao entrar o visitante via a sua esquerda uma espécie de till out com algumas cadeiras, um tape, um puf grande e dois

pequenos. Nessa parede era projetado uma série de vídeos. No tapete e em cima de cada cadeira havia uma publicação.

Nas outras duas paredes encostamos mesas e em cima delas colocamos publicação diferentes. Na frente de cada mesa havia uma cadeira para convidar os visitantes a imersão. Essas mesas tinham um papel importante na exposição. A cor branca e o formato quadrado fazia referência aos pedestais de uma exposição, mas sua banalidade quebravam a autoridade comum às galerias tornando o ambiente mais acolhedor.

Quebrar o modelo padrão de galeria e criar um espaço acolhedor foram os principais objetivos da organização do espaço.

A curadoria da exposição foi feita de forma a trazer o máximo de pessoas diferentes possível, algumas delas de áreas completamente distintas a artes plásticas, letras ou design gráfico.





5.1 Os Vídeos

No início da exposição o projetor exibia o álbum *Assentando o Reboco* da dupla musical *Duo Alvenaria* formada por Ely Janoville (pife) e Mariano Toniatti (pandeiro). Enquanto a música tocava ficava exposta a capa do álbum feita por Heron Prado e Rodrigo Koshino. A capa do álbum grande e quadrada ao fundo, com as cadeiras, puf's e o tapete deu uma sensação de sala de estar ao *till out*.

Depois de minha performance começamos a exibição de vídeos, uma coletânea de pequenos fragmentos de diferentes pessoas. Alguns deles eram vídeos que Jade faz cotidianamente com o celular. Seu conteúdo variava entre plantas, gravações da paisagem, comida e muitas outras coisas. Eu fiz uma curadoria desses vídeos e editei alguns deles. A outra série de vídeos é formado pelo clipe *De Jeans* da Banda Recalque e alguns de seus vídeos experimentais.

Também foram exibidos dois ensaios fotográficos de Higor Duarte como fotógrafo e eu como modelo. As fotos postas em sequência e com sonoplastia ao fundo criaram uma sensação de animação stopmotion. Por fim, o registro em forma de vídeo arte de uma instalação que eu e Rodrigo Koshino fizemos numa árvore atrás da W3 norte. Na época em que fizemos essa instalação, gostávamos de procurar entulho e montar pequenos templos ou oratórios. Nesse caso fizemos o que chamamos de *Culto Azulado*. Era uma espécie de balanço com cortinas azuis de plástico na lateral. Coincidentemente, assim que terminamos a instalação surgiu um caminhão completamente azul e dele desceram dois homens inteiramente vestidos de azul. Eu pedi para que posassem em frente a peça e tirei algumas

fotos. O é a foto dos homens sobrepostas por takes da gente experimentando o balanço.

Entre um vídeo e outro passava um taser com a marca do Olobóculo.



5.2 *Jogo do Bichinho*

Essa publicação tinha uma proposta extremamente simples. Assim que você entrava na exposição pegava a figura de um bicho utilizando um chapéu. Existiam 12 tipos de bicho e três tipos de chapéu. No final da exposição foi sorteado um deles. Quem acertasse o bicho podia levar uma publicação das que estavam exposta. Quem acertasse o chapéu e o bicho podia levar duas.

A história dessa publicação é um tanto inusitada. Pouco tempo antes da exposição, Jade estava fazendo autoescola. E um dado dia seu instrutor de direção acabou revelando ser um grande fanático pelo jogo do bicho. Desde então começamos a estudar a dinâmica, diferentes técnicas e até mesmo os mitos por trás do jogo.

Sempre achei engraçada o aspecto lúdico do jogo do bicho. O uso de animais e números faz ele parecer um jogo pedagógico. Foi pensando nisso que eu e Jade tivemos a ideia de fazer um livro infantil para ensinar crianças sobre o jogo do bicho. A idéia era obviamente uma brincadeira. Nossa intenção era trazer a tona como as pessoas se relacionam com a ilegalidade.

A ideia se transformou quando o professor Rogério em uma das orientações levantou a possibilidade de usar picote destacável em uma de minhas publicações. Decidimos então uma espécie de rifa que gerasse envolvimento dos participantes da exposição.



5.3 Sem Título

Essa é uma zine com páginas de formato próximo ao A4. Seu conteúdo é composto por um dos ensaios fotográficos que fiz com o Higor (que também aparece no projetor) acompanhado por citações de Immanuel Kant. Diferente do ensaio original, as fotos nessa zine foram impressas todas em PB (seguindo a proposta do selo). Eu gostava bastante da versão colorida, mas sem as cores o ensaio ganhou uma profundidade e aspecto sujo que me atraíram bastante.

Todas as imagens sangravam as páginas, algumas vezes seguidas em duplas outra dividindo a dupla com uma folha inteiramente em branco e uma das citações em letras discretas. A ideia do texto é que ele parecesse uma pequena descrição da foto. Escolhi as frases de Kant por conta de um *insight* recente que tive numa conversa de bar. Sempre considerei Immanuel Kant um grande burocrata da filosofia. Nunca achei muito relevante sua análise e muitas vezes até discordo de suas afirmações. No entanto, escutando Cecília Furlan recitar os Princípios Kanteanos, percebi que fora de contexto eles são bem mais interessantes. Pra mim, com as frases lidas isoladamente, algumas palavras ganham outro significado e o resultado final é um pequeno manual de performance. Como o ensaio feito por Higor é justamente sobre performance, achei que cairia bem juntar as ideias.







5.4 Asfaltopia

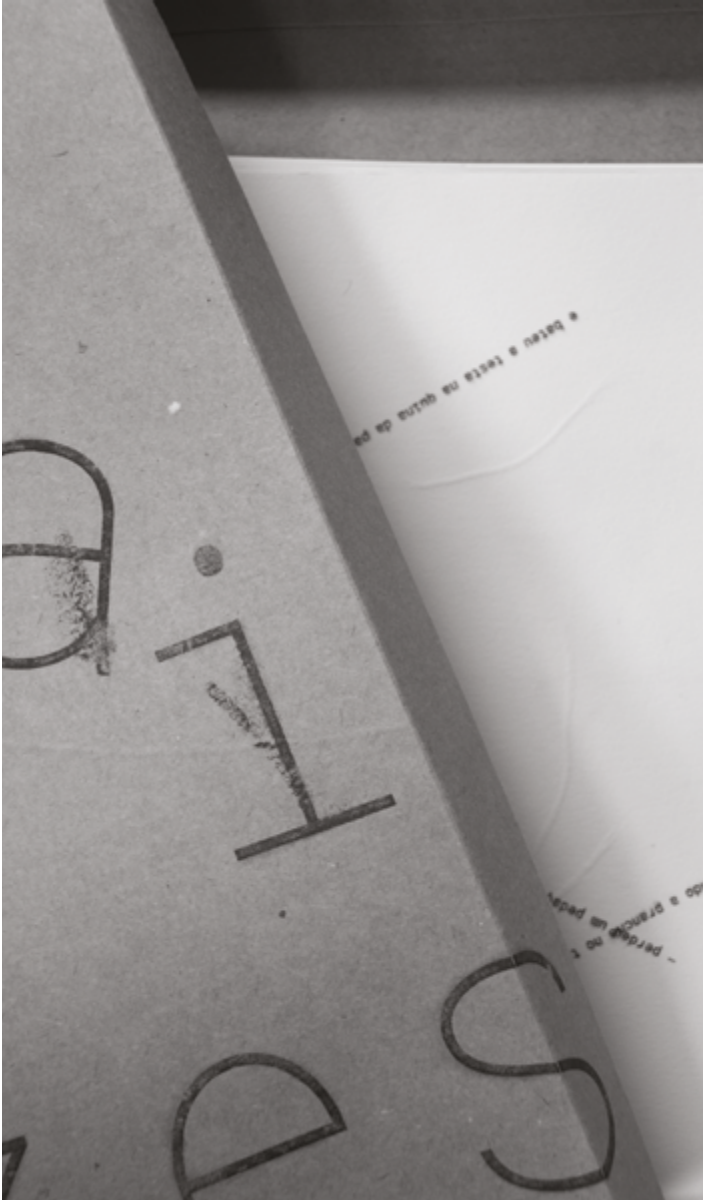
Esse livreto é uma coletânea de contos e reflexões em torno do trânsito feito por mim e Jade. Na capa colamos duas tiras de lixa preta remetendo o asfalto. A separação das duas tiras gerou uma faixa branca no meio, dessa forma representando a faixa que divide as pistas. A diagramação foi feita em uma coluna só, deixando espaço grandes espaços em branco. O objetivo foi criar com o texto uma imagem que lembrasse uma pista. Os títulos e subtítulos entravam lateralmente na coluna como se fossem placas na beira de uma pista. Foi extremamente divertido escrever esse livreto. Os textos variam entre humor, filosofia pura, crítica social e às vezes a combinação dos três. Antes desse texto eu nunca tinha escrito de maneira tão cooperativa com alguém. Eu e Jade chegamos a editar os textos simultaneamente e sentimos total liberdade para questionar e reconstruir as ideias um do outro.



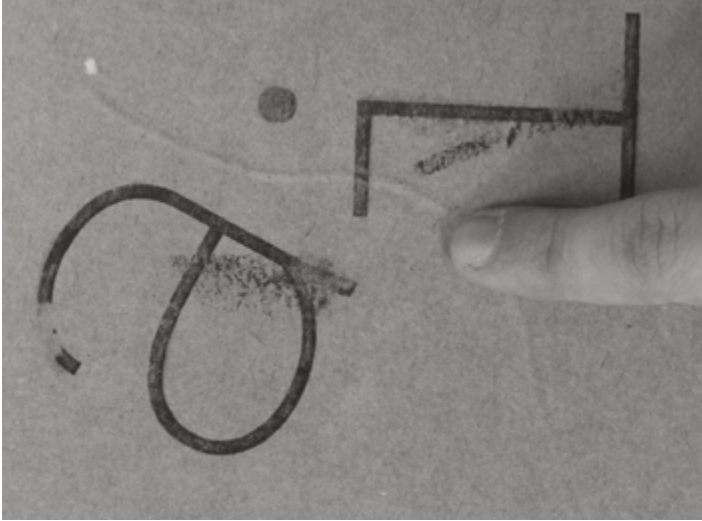
5.5 Cicatrizes

Esse é um trabalho de Jade que surgiu a partir de uma espécie de diário em que ela anotava histórias das cicatrizes de colegas. O resultado final é uma caixa grande de papel craft que guarda uma série de folhas A4 com marcas em volume e o texto distribuído de maneira orgânica. Para fazer as marcas Jade usou barbante e uma prensa gráfica. A impressão do texto foi feita com uma técnica de monotipia em que se utiliza tiner para transferir a tinta de uma impressão xerox comum para qualquer superfície. Apesar da estética um tanto séria, muitas das histórias carregam um humor discreto, especialmente na forma de escrita. Como o texto veio de anotações rápidas e despreocupadas, a linguagem é extremamente reducionista, nos obrigando a fechar a história na cabeça em frases como “mordida do amigo”, “transando no carpete” ou “queria ver se riscava”.









5.6 A Cega

Essa é a primeira carta de uma baralho de tarot que está sendo desenvolvido por Cecília Furlan. A carta descreve um personagem sem a capacidade de perceber os próprios sentimentos. O texto é sucinto, direto e seco, mas ainda assim com poesia e sonoridade agradável. O número de caracteres foi estabelecido para caber exatamente no tamanho de uma carta de tarot ou na página do livreto que poderia acompanhar o baralho. Como Furlan só tinha uma carta por enquanto eu diagramei o texto em uma carta e fiz a ilustração em outra. As duas cartas dispostas na mesa davam a sensação que ele poderia escolher entre uma e outra gerando a dinâmica de ver o texto e depois a imagem ou o contrário. A ilustração foi toda feita dentro da identidade do Olobóculo.



5.7 Caixa da Fortuna

Essa é uma simples caixa de papel toalha de banheiro público com a diferença que o rolo de papel foi desenhado com canetinha por mim, Jade e Rodrigo Koshino. Qualquer um pode arrancar o pedaço da obra e leva-lo. No entanto apenas uma pessoa fez isso, as outras preferiram apenas desenrolar o papel, mas como a caixa tem um sistema que não permite o retorno, o rolo ficou espalhado pelo chão como uma espécie de cascata.



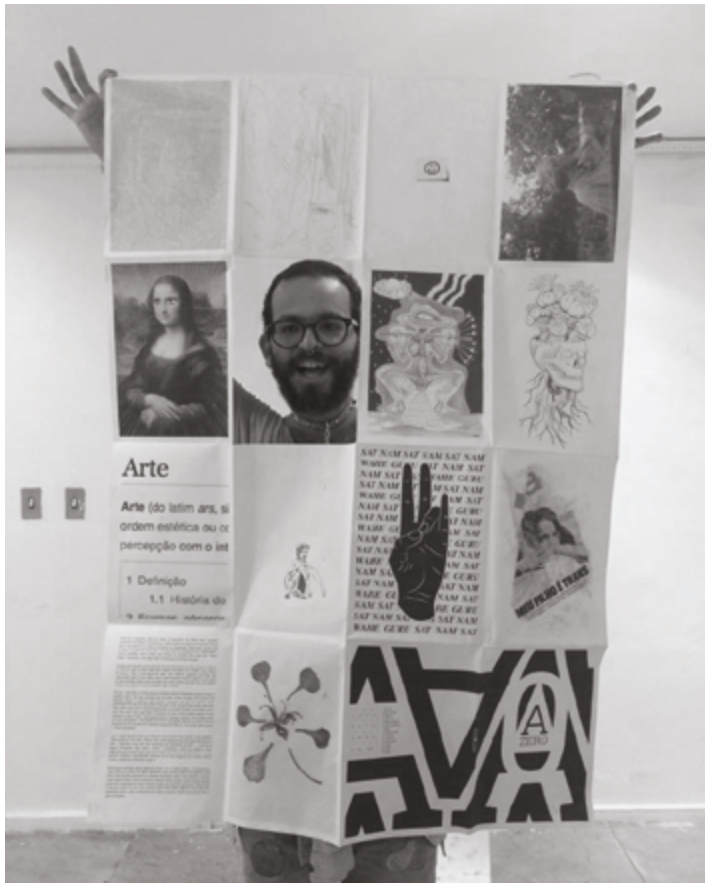


5.8 A Zero

Talvez essa tenha sido a atração principal. Ela é basicamente uma revista composta por uma folha A0 dobrada diversas vezes até ficar no formato A4. Nesse trabalho eu fiz apenas capa e contracapa. O conteúdo foi gerado por amigos e conhecidos que se interessaram pelo projeto. Cada um deles me enviou uma folha A4 com 1cm de margem. Eu montei todas juntas e imprimi numa plotter. Infelizmente não pude imprimir frente e verso porque o formato A0 é largo de mais para as máquinas de *off-set* digital.

A composição final ficou bem diversificada. Alguns exemplos: Uma amiga formada em ciências florestais escaneou uma flor de flamboyant desmontada. Um garotinho de 3 anos de idade fez um desenho abstrato. Um amigo gerou um auto-retrato em forma de código. Outro amigo escreveu um texto.





5.9 Poesias Óbvias em Código Morse

Essa é uma publicação que já levei para algumas feiras e reimprimi para a exposição. Ela é um livreto A6. Seu conteúdo é uma série de poesias escritas em código morse. A capa possui um bolso e dentro dele uma legenda. Até mesmo a palavra “legenda” e os meu contato no final do livreto estão em código morse. Para quem não conhece o código de cabeça a tradução é extremamente desgastante.

O humor fica claro quando o leitor finalmente traduz a uma das poesias e percebe que elas não tem graça alguma e são literalmente óbvias. Como por exemplo “poesia em morse é difícil de ler”. Para estimular a interação do público eu coloquei a publicação dentro de um saco *zip-lock* acompanhado por uma caneta *bic* transparente de tinta vermelha. Dessa forma as pessoas iam decodificando o livreto e quem chegasse depois recebia o livreto mais completo. Eu gostei bastante da estética final dessa publicação. O *zip-lock* combinou bem com a *bic* igualmente transparente com detalhes vermelhos. É quase como se a embalagem e a caneta estivessem em um nível diferente do livreto que se mantém puro até que alguém risque as páginas.



5.10 *Pelo Entanto*

Pelo Entanto é um livro que tenho tremenda paixão. Ele foi minha primeira produção dentro do Olobóculo e marca uma nova forma de escrita no meu desenvolvimento. Como dito anteriormente nesse relatório, essa história foi escrita inteira em um dia só. Eu não planejei absolutamente nada no enredo. A única certeza que eu tinha era que a história iria começar com uma voz narrativa clássica que morreria por algum motivo e a partir desse momento o texto seria escrito em fluxo. O que



aconteceu foi que na hora em que eu estava escrevendo essa introdução eu cometi um erro de grafia. Coloquei dois pontos finais seguidos e essa foi a desculpa perfeita, afinal, a voz narrativa é a verdade de um texto. A partir do momento em que ela é atingida por essa construção que não gera leitura ela morre. Demorei algum tempo para perceber que as pessoas não estavam vendo esse pequeno erro, por isso, nessa última versão coloquei uma marcação em vermelho como se um revisor fosse um personagem dentro da história. O ponto final também foi feito em caneta vermelha.



5.11 *Dupla Salmão*

Salmão foi o primeiro livreto que escrevi na vida. Como dito antes nesse relatório, ele faz parte de uma trilogia. Resolvi publicar ele novamente, porque Cecília Furlan havia produzido parágrafo sobre a o ciclo de vida e consumo do salmão. Como o meu conto não dependia dos outros capítulos para fechar a história, resolvemos transformar o texto dela num prólogo do meu.

No fim achamos melhor criar uma publicação só pra ele e expor os dois juntos. Como a história da Cecília trata do destino de qualquer salmão, resolvemos replicar o parágrafo inúmeras vezes por várias páginas. Dessa forma criando essa imagem que representa um monte de salmão junto ou no rio ou numa rede de pesca, ou seja, todos juntos em posições diferentes, mas marcados pela mesma história. No caso do meu livreto eu apenas renovei o projeto de diagramação e refiz as ilustrações em lápis carvão (antes feitas em vetor). Sempre que eu trabalho com carvão sujo bastante o papel. Como é uma história que trata da natureza, resolvi deixar essas marcas.





5.12 A Performance

As 19:30 a performance teve início. Me posicionei no centro do *till out* logo a frente da projeção. Do outro lado da sala estava a dupla musical Mariano Toniatti (pandeiro) e Ely Janoville (pife). Assim que o público se posicionou declamei o release da exposição. Atrás de mim havia uma cadeira e sobre ela uma pequena caixa embrulhada em papel estampado. Peguei a caixa e sentei na cadeira. Abri o primeiro embrulho revelando uma outra camada de papel. Colei o papel na parede e sentei novamente. Enquanto isso a dupla improvisava.

Assim que a música parava abria outro embrulho. A ação se repetiu 12 vezes até chegar à última camada. Os papéis eram todos estampados com uma mesma padronagem que se ampliava a cada etapa até que ficasse completamente preta.



Dentro da caixa estava um objeto que um amigo (Rodrigo Koshino) havia colocado. Eu não sabia o que era o tal objeto.

O fim da performance consistia em entregar a caixa para quem estivesse mais próximo da porta. O escolhido foi Francisco Bronze (um grande amigo e por acaso meu chefe). Ele poderia fazer o que quisesse com o presente. Sua decisão foi abrir a caixa com a mesma dinâmica da performance, ou seja, sentou na cadeira esperou pela música e abriu o embrulho. O presente era uma bandana amarela com um pequeno bordado e um pendrive. Todos da plateia riram ao ver o presente. A dupla voltou a tocar até que revelássemos o conteúdo do pendrive. Era uma pasta como nome "grand finale". Dentro dela havia um arquivo de texto chamado "site secreto". Todos acompanhavam esse movimento com ansiedade. No final, o arquivo era apenas uma longa sequência de letras Z.



6. A Conclusão

ou a dimensão social

O selo Olobóculo não age para suprir uma necessidade social, o que não quer dizer que não tenha valor para ela. O mundo está um caos, é um fato, e para mim grande parte da desgraça está muito mais na forma que vemos as coisas do que nas coisas de fato. Se tivéssemos que acompanhar o processo de deterioração de cada lixo que jogamos fora, provavelmente produzíamos muito menos e pensaríamos em soluções melhores para esse processo. O preconceito não existiria se pudéssemos ver o outro sobre sua perspectiva. Se pudéssemos ver cada impacto de nossa alimentação provavelmente deixaríamos de comer muita coisa.

Nesse sentido, Olobóculo é um movimento a favor da abertura para além da normalidade, a padronização e a funcionalidade, pois é nesses fatores que se escondem as mazelas da sociedade.

Um pouco menos heróico, acredito que grupos como Olobóculo podem acrescentar bastante para o meio acadêmico. Todos nós aprendemos no curso de Design que na Primeira Feira Mundial os produtos franceses tiveram destaque considerável e porque na faculdade seus alunos estudavam arte profundamente. Pra mim, o que falta agora é atualizar essa tática para a arte de nosso tempo. No curso de Design pouco se fala de performance. Não tenho dúvida que gerar essa integração seria extremamente fértil para a produção de ideias fora do espaço comum.

Se o nosso objetivo como designers é explorar toda e qualquer forma de interação para adquirir resultados inusitados, performance não pode faltar. Além do que, uma sociedade que não pensa o corpo é uma sociedade doente.

7. Referências Bibliográficas

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Giulio Einaudi, 1972.

FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LATOUR, Bruno. "On Actor-network Theory: A Few Clarifications." *Soziale Welt* 47, no. 4. 1996. p. 369-81.

LATOUR, Bruno. *On recalling ANT*. Malden: Blackwell Publishers, 1999. p. 15-26p

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1974.

MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man*. Canadá: University of Toronto Press, 2011.

Rafael L. Nogueira

21/11/2017



facebook.com/seloloboculo

selo.olobóculo@gmail.com



Manual de identidade

Brasília, novembro de 2017

Esse manual foi desenvolvido por e para o selo de publicações independente Olobóculo em novembro de 2017. Eu, Rafael L. Nogueira, fui responsável pelo desenvolvimento dessa identidade e seu manual, no entanto, todos os membros do grupo foram de extrema influência nesse processo.

Sumário

Ou a ordem das coisas

Construção do Logotipo p.6

Construções do Símbolo p.8

Respiro p.10

Cores p.12

Dimensão Mínima p.14

Versões p.16

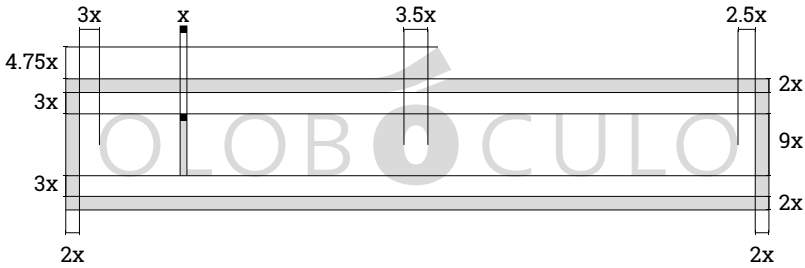
Fonte Auxiliar p.18

Elementos Gráficos p.20

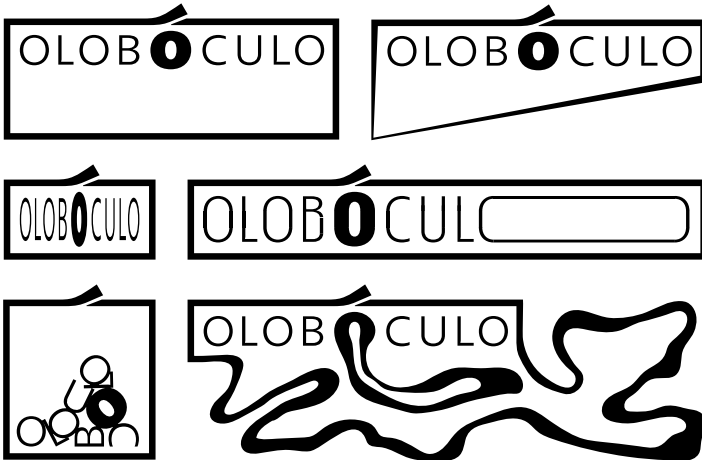
Construção do *Logotipo*

Ou a constante reconstrução

Essa é a construção original da marca, mas tais proporções não precisam ser mantidas. A forma da marca pode sofrer qualquer tipo de alteração de acordo com a vontade de quem a utiliza. É obrigatório que ela siga toda e qualquer vontade de quem quer que seja. Não existe regra a ser respeitada.



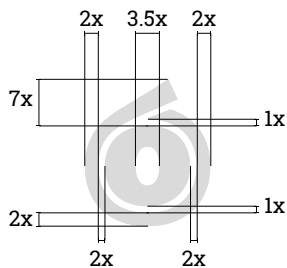
Exemplos de reconstrução:



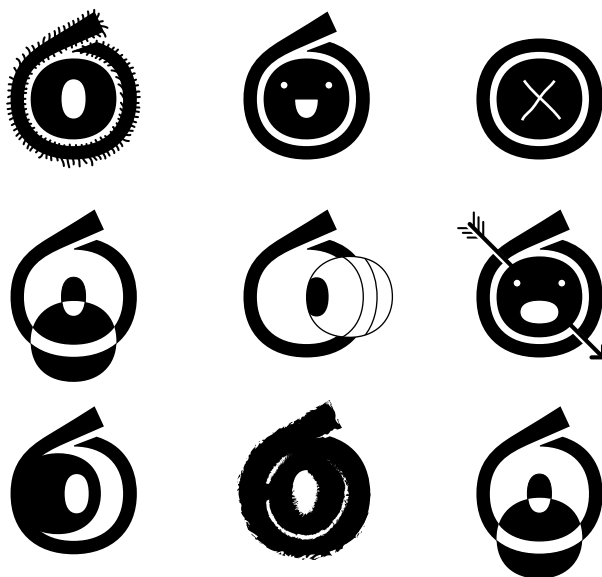
Construções do Símbolo

Ou a constante reconstrução

As mesmas não-regras da *Logotipo* se aplicam à *Símbolo*.



Exemplos de reconstrução:

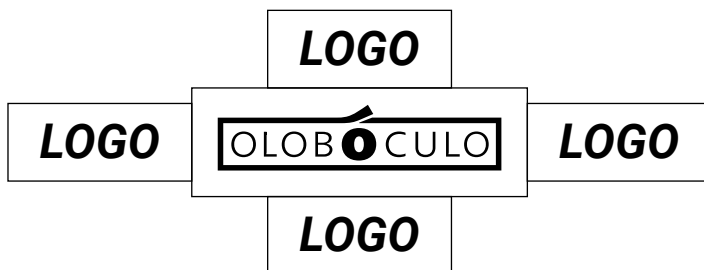


Respiro

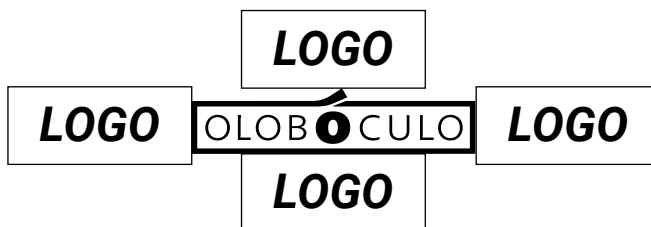
Ou afogamento

A marca não possui área de respiro, dessa forma, gerando força de atração sob outras marcas.

Se tivesse respiro:

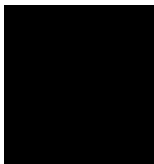


Sem respiro:



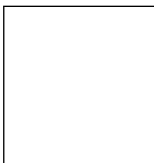
Cores

Ou a luz e sua ausência.



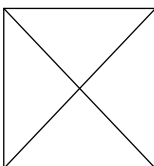
Preto Apenas (#231F20)

C = 00 M = 00 Y = 00 K = 100
R = 000 G = 000 B = 000



Branco Apenas (#FFFFFF)

C = 00 M = 00 Y = 00 K = 00
R = 255 G = 255 B = 255



Qualquer Cor*

C = M = Y = K =
R = G = B =

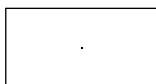
**Não recomendamos o uso de impressão colorida, por outro lado incentivamos o uso de cor através de outros meios.*

Dimensão Mínima

Ou o limite do finito.

A marca pode ser reduzida até o limite da mídia em que está.

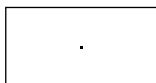
Impressão



largura: 0.176 mm

altura: 0.176 mm

Web



largura: 1 px

altura: 1 px

Para atender requisitos conceituais a marca pode ser aplicada em dimensões menores que as descritas.

Versões

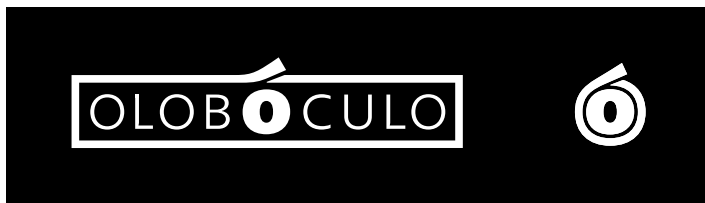
Ou tanto faz.

Essas são algumas possibilidades de versão. Qualquer outra possibilidade é aceita.

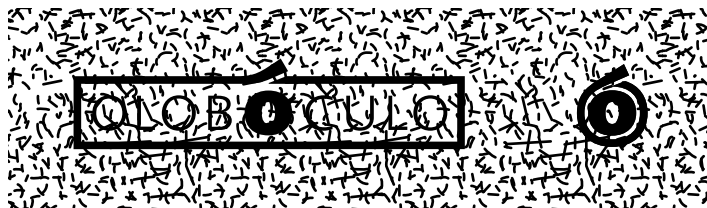
Fundo branco



Fundo preto



Fundo que dificulta leitura



Fonte Auxiliar

Ou a matéria da fala.

Para o uso de texto dentro da identidade Olobóculo sugerimos a família tipográfica *Roboto*. Escolhemos ela por dois motivos. Primeiro porque ela é bem acessível. Ela pode ser adquirida gratuitamente através do site www.fonts.google.com, ou seja, qualquer um pode trabalhar facilmente com nossa identidade. Além disso, ela tem uma diversidade considerável de pesos, fontes e glifos.

Texto sem ? significado ?

NÃO É PRECISO
LER **NADA DISSO**

OOO

APENAS

palavras

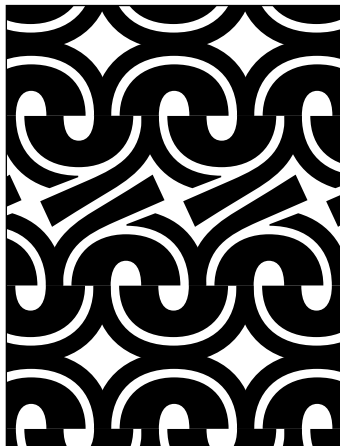
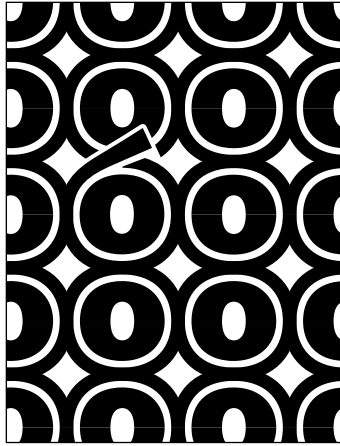
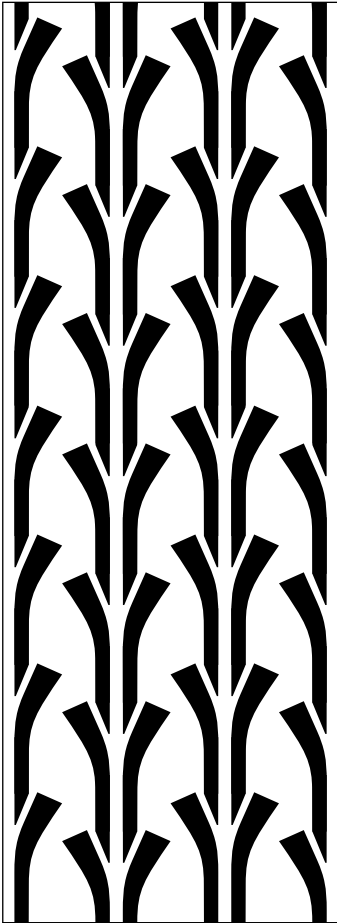
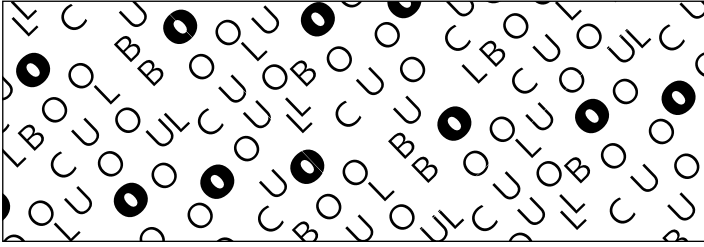
Não
leia

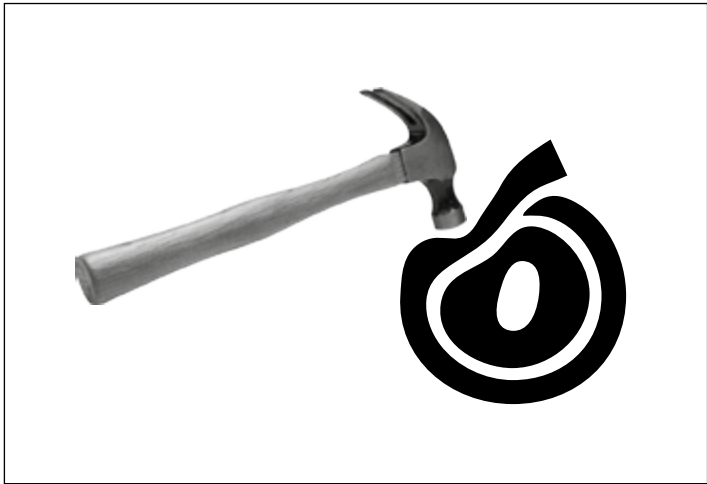
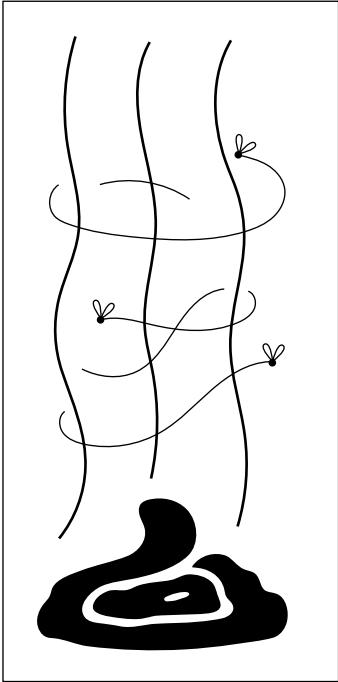
isso

AQUI


Elementos Gráficos

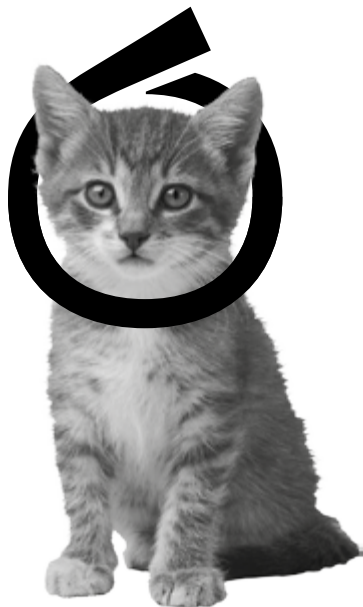
Ou alguns exemplos de coisas que fizemos.

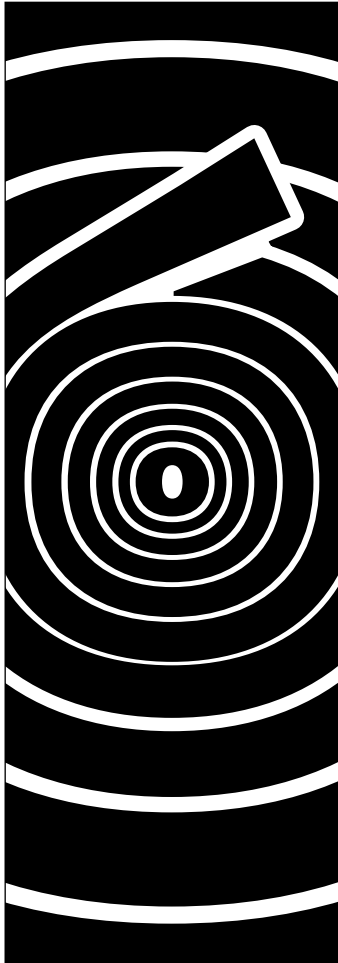


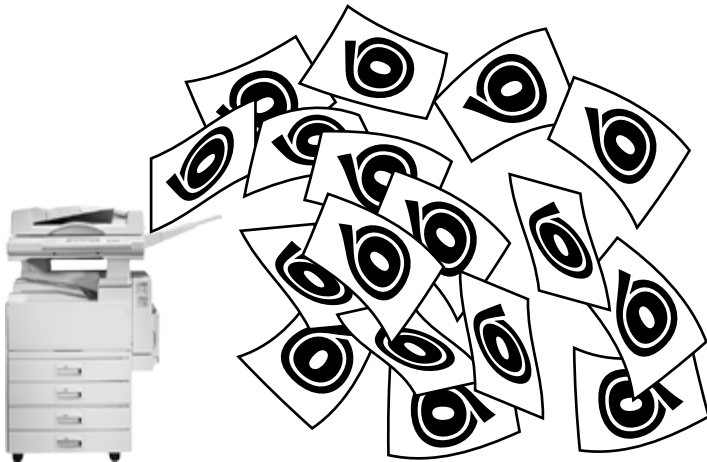
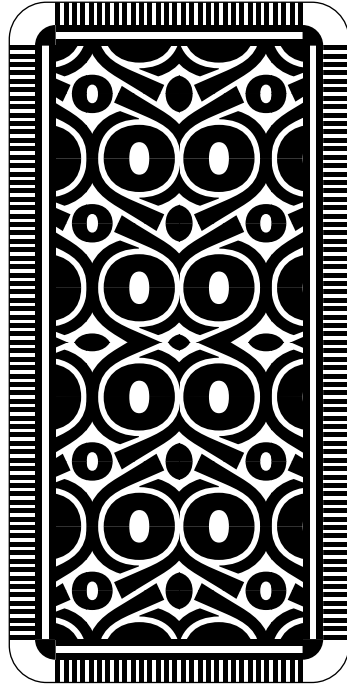
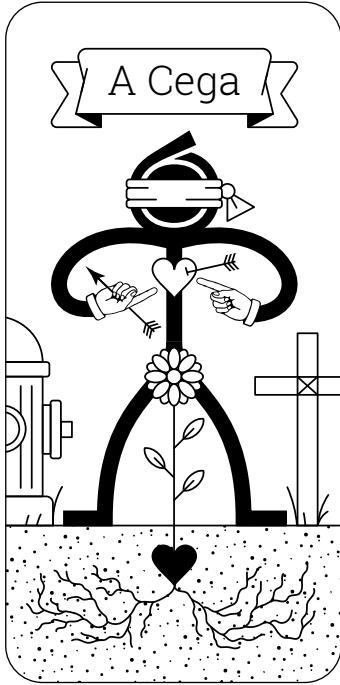


o1obculo

OLOBCULO







Rafael L. Nogueira

21/11/2017



facebook.com/seloloboculo

selo.olobóculo@gmail.com

OLEOPOLCO